

Língua, identidade, brasilidade: um olhar sociolinguístico-discursivo sobre a questão vernacular

VERÔNICA FRANCIELE SEIDEL

Universidade Federal de Santa Maria. e-mail: veronicaseidel@gmail.com

Orientador: Anderson Salvaterra Magalhães.

Resumo: Os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar, podendo ser reguladas, por exemplo, pelo lugar em que estão, situação de fala ou nível socioeconômico. Apesar de as variantes dentro de uma mesma língua desempenharem igualmente bem sua função, o mesmo não é válido simbolicamente. A partir disso, discute-se a relação entre o linguístico e o extralinguístico, a fim de se refletir sobre o valor simbólico dessa relação. Para tanto, foram analisados dois poemas de Oswald de Andrade que tratam da temática língua e contexto social. Percebeu-se que a atribuição de valor social a fenômenos intrínsecos a toda e qualquer língua tem um papel significativo na construção da brasilidade. O estudo demonstra que a questão vernacular brasileira se constitui na tensão entre a herança lusitana e as inovações linguístico-culturais aqui deflagradas.

Palavras-chave: língua; sistema; variação

Introdução

A constituição da Linguística como ciência tem, no século XX, um importante marco: o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, publicado postumamente por seus alunos em 1916. Nesse projeto editorial, sustenta-se que o ponto de vista cria o objeto, de modo que, ao definir língua, o linguista simultaneamente cria um objeto de estudo e delimita um campo de conhecimento (SAUSSURE, [1916] 2006). O projeto considera a linguagem como a faculdade natural que permite ao ser humano constituir uma língua, divide tal faculdade em *língua* e *fala* e vê na *língua* (produto social da faculdade da linguagem e conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos) o então objeto da Linguística (SAUSSURE, [1916] 2006). O corte saussuriano, no *Curso de Linguística Geral*, privilegia, assim, o caráter formal e sistêmico do fenômeno linguístico e mitiga questões relativas ao uso da língua em seu contexto social (situações de fala).

Apesar da reconhecida importância que os estudos de Saussure tiveram para a constituição da Linguística como ciência moderna, alguns teóricos adotam uma visão diferenciada de língua e dos estudos linguísticos, em que os fatores extralinguísticos

ocupam uma posição importante. Na década de sessenta, um desses teóricos, William Labov, fundamenta os pressupostos da Sociolinguística, que apresenta como objeto o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Desse modo, a Sociolinguística tem como interesse relacionar as variações observáveis no uso da língua às diferenciações existentes na estrutura social dessa sociedade (ALKMIM, 2006).

Para Labov (1969), as línguas são heterogêneas, não se caracterizando como sistemas prontos ou acabados. Ao contrário, a língua é tida como um sistema inerentemente variável; os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão, com a situação de fala (ou registro) e com o nível socioeconômico do falante. Dessa perspectiva, a variável linguística é considerada como o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar um mesmo elemento da língua [o conjunto de duas ou mais variantes] e a variante linguística se define por cada uma das formas de realizar a variável [possibilidades de realização da variável] (CALVET, 2002). Assim, essa abordagem sociolinguística permite visualizar o fenômeno da língua levando em consideração fatores socioculturais e isso, no contexto linguístico brasileiro, é importante e justifica-se à medida que nossa história e identidade são atravessadas por uma política (tanto sistêmico quanto simbólica) entremeadada na tensão entre o sujeito europeu e o não europeu.

Neste trabalho, o objetivo é discutir a relação entre o linguístico e o extralinguístico, a fim de se refletir sobre o valor simbólico dessa relação. Considerando a interface que há entre a sociedade e a literatura, já que esta ao mesmo tempo em que é influenciada pela sociedade pode exercer influência sobre ela, modificando-a, serão analisados dois poemas de Oswald de Andrade, “Vício na fala” e “Pronominais”, que tratam da temática língua e contexto social.

1. Língua, literatura e identidade: a questão vernacular no Brasil

Uma criativa vontade de transgredir o que era considerado valorizado para a época marca uma das presenças mais polêmicas de literatura brasileira. Oswald de Andrade, em oposição às normas literárias, políticas ou sociais, constituiu uma personagem em perpétua revolta. Em 1925, foi editado o livro *Pau-Brasil*, em que Oswald, em uma viagem a Paris, teve despertada sua consciência de brasilidade, dando lugar a uma poesia renovadora: o projeto visava a um desligamento dos modelos poéticos franceses importados do século passado, pondo fim à grandiloquência e à seriedade. Essa visão renovadora do elemento nacional realiza-se de vários modos, incluindo a forma de escrever, em que a língua é surpreendentemente coloquial, sintética e carregada de humor.

No *Manifesto Pau-Brasil* (1924) e no *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade preconizava “a língua sem arcaísmo, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (SCHWARTZ, 1988, p. 130), e posicionava-se contra as formas cultas e convencionais da arte. Oswald

sugere a abolição das normas acadêmicas da fala, aproximando-as de sua realidade cotidiana nos moldes realizados na própria poesia.

Observem-se os poemas “Vício na fala” e “Pronominais”, de Oswald de Andrade a seguir:

Para dizerem milho dizem mio / Para melhor dizem mió / Para pior pió / Para telha dizem teia / Para telhado dizem teiado / E vão fazendo telhados (SCHWARTZ, 1988, p. 25).

Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da Nação Brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro (SCHWARTZ, 1988, p. 38).

Os poemas em questão trabalham a temática da variação existente na língua falada no Brasil. “Vício na fala” põe em voga a questão da transformação do fonema consonantal /λ/ na semivogal /y/, como *milho/mio*, *melhor/miô*, *telhado/teiado*. Esse fenômeno explica-se a partir do fato de que a consoante líquida lateral /λ/ é produzida em uma região muito próxima a que se utiliza para produzir a semivogal /y/. A despalatalização do fonema consonantal /λ/ no português do Brasil consiste em um processo fonético no qual o segmento perde sua característica palatal, ou seja, deixa de ser pronunciado na região do palato duro, dando margem à produção de uma série de variantes. O fenômeno também é denominado iotização. Câmara Júnior (2000, p. 149) descreve a iotização (fenômeno decorrente da despalatalização) como a mudança “de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode”. A despalatalização e consequente iotização, para o autor, pode ter recebido influência do português crioulo, uma vez que “nos falares crioulos portugueses há a iotização da consoante molhada /λ/. A despalatalização presente nos falares rural e nos das camadas mais populares apresenta traços da língua portuguesa em sua formação, que revelam resquícios das línguas indígenas e africanas” (AGUILERA, 1999; COUTINHO, 2005). Conjuntamente o fenômeno também pode ser explicado pela “lei do menor esforço”, que consiste em um “afrouxamento” de articulação, de modo que uma articulação é substituída por outra que exige menos dos órgãos fonadores envolvidos (COUTINHO, 2005, p. 137).

Câmara Júnior (1981), vê esses traços como resultantes da interpretação das línguas africanas no português do Brasil. Com a vinda em massa de negros para escravos na época da colônia e primeiros tempos da nação, constituiu-se um substrato de línguas africanas. Tais influências atestam a importância que os fatores de cunho social (contato com outros povos) têm para a constituição da língua, seja modificando-a ou conservando-a. É possível perceber que esses fatores contribuem para a formação de uma identidade linguístico-cultural, uma vez que articulam um conjunto de características presentes na língua que distinguem e individualizam o que é próprio do brasileiro.

O segundo poema, “Pronominais”, trabalha a questão da variação estilística decorrente das diferentes situações de fala ou registro. Para Alkmin (2006, p. 38), nas va-

riações relacionadas ao contexto, “os falantes diversificam sua fala – isto é, usam *estilos* ou *registros distintos* – em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais” (grifos do autor). Assim, a escolha do registro (ou nível de fala) a ser utilizado pelo falante seria regulada pelo grau de formalidade (uso mais ou menos formal da língua), pelo modo (língua falada ou escrita) e pela sintonia (maior ou menor grau de tecnicidade, cortesia ou respeito à norma ditada pela gramática normativa tradicional, tendo-se em vista o perfil do interlocutor). Nesse poema, é enfatizada a problemática da colocação pronominal, de modo que a ênclise estaria relacionada ao uso ditado pela norma culta (registro formal) enquanto a próclise seria a forma utilizada preferencialmente pela norma não-padrão (registro informal). Os pronomes *me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as* são átonos, sendo que podem se enclíticos ou proclíticos ao se adjungirem ao vocábulo antecedente ou ao seguinte, respectivamente. A gramática normativa tradicional tem como regra não principiar o discurso pelo pronome átono. No entanto, o deslocamento do pronome é devido a uma atração essencial e puramente fonética; “constante em certos casos, menos regular em outros, e variável e precária se variável for o elemento fonético que a determina [...]. A frase deve constituir um todo foneticamente unido, que não permita pausa entre o vocábulo a valorizar e o verbo” (SAID ALI, 2008, p. 28). É, assim, impossível haver identidade de colocação entre o português de Portugal e o português do Brasil se a prosódia não é idêntica. Segundo Said Ali (2008, p. 29):

Lá [em Portugal] os pronomes são átonos; o *e* final em *me, te, se* é tão abafado que mal se ouve. Cá [no Brasil] estamos habituados a empregar já certa acentuação quando o pronome vem anteposto ao verbo, dizendo aproximadamente *mi, ti, si...* Em Portugal fala-se mais depressa, a ligação das palavras é fato mais comum; no Brasil pronuncia-se mais pausada e mais claramente. Em suma, a fonética brasileira é, em geral, diversa da fonética lusitana.

Desse modo, por conta da entonação que rege a colocação pronominal, a norma padrão da língua prescrita pelas gramáticas normativas tradicionais (registro formal), por basear-se no português lusitano, acaba distanciando-se da ocorrência em situações de fala (registro informal) do português brasileiro. E isso é problematizado em *Pronominais*, a partir da abordagem da oposição entre a fala do professor, do aluno e do mulato sabido, de um lado, e do bom negro e do bom branco, de outro. Enquanto aqueles aderem às convenções normativas prescritas, estes utilizam uma variante que condiz com o contexto fonético brasileiro.

Essa problemática está diretamente ligada à questão da brasilidade, discutida por Oswald de Andrade nos seus *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e *Manifesto Antropófago*. Nesses manifestos, Oswald posiciona-se “contra a cópia, pela invenção e pela surpresa”, quer “Acertar o relógio império da literatura nacional”, “Ser regional e puro em sua época”; apresenta-se “Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão” (SCHWARTZ, 1988). Oswald visa à produção de uma poesia brasileira, que seja criada a partir de uma realidade própria e não mais pela importação de

elementos estrangeiros, principalmente portugueses, como é o caso das normas gramaticais que regem a língua portuguesa falada no Brasil.

Analisando a questão dos substratos indígenas e africanos e a distância geográfica em relação à Portugal que marca o Brasil, é possível, e até mesmo indispensável, caracterizá-lo como uma comunidade de fala distinta da de Portugal. Isso porque a comunicação intensa entre membros de uma comunidade leva à manutenção de suas características linguísticas, enquanto a falta de contato linguístico entre as comunidades favorece o desenvolvimento de diferenças linguísticas (BELINE, 2010).

Segundo Mário de Andrade, um dos precursores e coadjuvantes do movimento modernista, “o espírito modernista reconheceu em si que vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade. Inventou-se do dia prà [sic] noite a fabulosíssima ‘língua brasileira’” (ANDRADE, 1974, p. 244). O autor afirma ainda que o Brasil possui numerosas tendências e constâncias sintáticas que lhe conferem caráter vernáculo à linguagem.

Considerações finais

A possibilidade de variação nas línguas é um fenômeno inerente aos sistemas linguísticos, já que toda mudança linguística é, necessariamente, antecedida de variação (CHAGAS, 2010). No caso tematizado nos poemas estudados, as diferenças marcam o português do Brasil em relação ao português de Portugal e, por isso, corroboram a constituição de uma identidade linguístico-cultural que, ao mesmo tempo, define e é definida pela noção de vernáculo neste país. Tendo isso em vista, é pertinente refletir a respeito dos postulados do sociólogo Pierre Bourdieu (1996). Bourdieu afirmava que o discurso não é apenas uma mensagem destinada a ser decifrada, é também um produto que entregamos à apreciação dos outros e cujo valor se definirá na relação com outros produtos mais ou menos raros. Instrumento de comunicação, a língua seria também sinal exterior de valor simbólico.

Essa visão que institui a língua como parte de um mercado – o mercado linguístico – auxilia a descrever o processo de valoração que rege a língua quando em situações reais de uso (fala). Considerando que todas as variantes dentro de uma mesma língua podem desempenhar igualmente bem sua função do ponto de vista comunicativo, pode-se perceber a atribuição de valor simbólico a fenômenos que são intrínsecos a toda e qualquer língua. É necessário considerar ainda o fato de que a língua pode ser utilizada como um instrumento de poder e repressão social, de modo que se torna possível distinguir e valorar aqueles que usam a norma culta (ou padrão) de uma língua e aqueles que usam outras variantes. Pode-se pensar a respeito de uma hierarquização estabelecida entre as comunidades de fala do Brasil e de Portugal, em que aquele ainda representaria o papel de colônia e este o de metrópole. De qualquer maneira, a questão vernacular brasileira parece evidente, uma vez que nos diferencia linguística e culturalmente de Portugal. Entretanto, as negociações simbólicas, por vezes, sugerem uma apreciação negativa do brasileiro em relação ao europeu, e não como um patrimônio

próprio do país, como parte da identidade brasileira, que deve ser considerada e analisada como tal.

Esse texto visa demonstrar que a variação que se dá entre o português do Brasil e o de Portugal é parte constitutiva de uma identidade nacional, formada a partir de todo um contexto cultural e histórico. Daí a pertinência de um olhar sociolinguístico-discursivo, que articula o fenômeno da variação na língua, considerando seu valor sistêmico, com o contexto social, político e cultural em que se constitui o vernáculo.

Referências bibliográficas

ALKMIM, Tânia Maria; CAMACHO, Roberto Gomes. "Sociolinguística", in: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (org.) *Introdução à Linguística*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006, v. 1, p. 21-76.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. "Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro", in: _____ (org.). *Português do Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Editora Universitária UEL, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BELINIE, Ronald. "A variação linguística", in: FIORIN, J. L. *Introdução à linguística*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010, v. 1, p. 121-140.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002, p. 89-122.

CÂMARA JR., Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística, in: FIORIN, J. L. *Introdução à linguística*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010, v. 1, p. 141-164.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

LABOV, William. Contraction, Deletion and Inherent Variability of the English Copula. *Language*, 1969, v. 4, n.º 45, p. 715-762.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7 ed. Rio de Janeiro: ABL: Biblioteca Nacional, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ, Jorge. *Oswald de Andrade*. Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico por Jorge Schwartz. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.